



FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO: José Moscardi e a arquitetura paulista 1950-1970¹

FERNANDES, LUIZ GUSTAVO SOBRAL

*Doutorando ETSAB/UPC Barcelona. Professor Unesp, Estácio e Assistente Escola da Cidade
luiz.sobral.fernandes@gmail.com*

RESUMO

Este artigo apresenta pesquisa em desenvolvimento que se debruça sobre o trabalho fotográfico de José Moscardi (1916-1999), profissional que atuou em cidade de São Paulo predominantemente entre os anos 1950 e 1970. Na arquitetura é comum, já há pelo menos um século, a contratação de fotógrafos profissionais para a documentação de projetos de arquitetura com o objetivo de divulgar obras para clientes e colegas em revistas especializadas. Os arquitetos de São Paulo publicaram entre 1950 e 1970 seus trabalhos principalmente na Revista Acrópole e, na maioria das vezes, com fotografias feitas por José Moscardi. A perspectiva que vem sendo trabalhada enxerga a arquitetura paulista do período pelas lentes de Moscardi, considerando, efetivamente, não a arquitetura apresentada em si, mas os valores e as decisões de fotografia que estão ali tomadas (ângulos, equilíbrio, qualidade técnica, limpezavisual e valorização do trabalho do arquiteto). Se a formação de um arquiteto se dá, na maior parte das vezes, em contato com obras fotografadas (na impossibilidade de conhecê-las pessoalmente), é a fotografia a mediação que estabelece pontos de ficção e realidade espaciais. Nos parece, portanto, fundamental, para a compreensão de um tipo de arquitetura, o reconhecimento dos meios técnicos e estéticos elaborados e criados para sua difusão.

Palavras-chave: José Moscardi; Fotografia de arquitetura; arquitetura em São Paulo; Revista Acrópole.

¹ Artigo é resultado parcial de pesquisa em desenvolvimento a partir de bolsa de produtividade oferecida pela Estácio / São Paulo – Programa 2021-2022



RESUMEN

Este artículo presenta una investigación en proceso que se centra en la obra fotográfica de José Moscardi (1916-1999), un profesional que trabajó en la ciudad de São Paulo predominantemente entre las décadas de 1950 y 1970. En arquitectura, ha sido común, al menos durante un Century, la contratación de fotógrafos profesionales para documentar proyectos arquitectónicos con el objetivo de promover trabajos a clientes y colegas en revistas especializadas. Entre 1950 y 1970, los arquitectos paulistas publicaron sus obras principalmente en la Revista Acropole y, la mayor parte del tiempo, con fotografías realizadas por José Moscardi. La perspectiva que se ha trabajado ve la arquitectura paulista de la época a través de los lentes de Moscardi, considerando, en efecto, no la arquitectura en sí, sino los valores y decisiones fotográficas que allí se toman (ángulos, equilibrio, calidad técnica, visual). limpieza y valoración de la obra del arquitecto). Si la formación de un arquitecto se produce, en la mayoría de los casos, en contacto con obras fotografiadas (en la imposibilidad de conocerlas personalmente), la fotografía es la mediación que establece puntos de ficción espacial y realidad. Nos parece, por tanto, fundamental, para la comprensión de un tipo de arquitectura, reconocer los medios técnicos y estéticos elaborados y creados para su difusión.

Palabras llave: José Moscardi; Fotografía arquitectónica; arquitectura en São Paulo; Revista Acrópolis.

ABSTRACT

This article presents research in progress that focuses on the photographic work of José Moscardi (1916-1999), a professional who worked in the city of São Paulo predominantly between the 1950s and 1970s. In architecture, it has been common, for at least a century, the hiring of professional photographers to document architectural projects with the aim of promoting works to clients and colleagues in specialized magazines. Between 1950 and 1970, São Paulo architects published their work mainly in the Revista Acropole and, most of the time, with photographs taken by José Moscardi. The perspective that has been worked on sees the São Paulo architecture of the period through Moscardi's lenses, considering, in effect, not the architecture itself, but the values and photography decisions that are taken there (angles, balance, technical quality, visual cleanliness and valuation of the architect's work). If the formation of an architect takes place, in most cases, in contact with photographed works (in the impossibility of knowing them personally), photography is the mediation that establishes points of spatial fiction and reality. It seems to us, therefore, fundamental, for the understanding of a type of architecture, to recognize the technical and aesthetic means elaborated and created for its dissemination.

Keywords: José Moscardi; Architectural photography; architecture in São Paulo; Acropolis Magazine.



DISCUSSÃO

As revistas especializadas e as publicações digitais sobre arquitetura apresentam, na atualidade, fotografias de alguns poucos fotógrafos profissionais de arquitetura atuantes no Brasil. Alguns nomes conhecidos seriam *Nelson Kon*, *Leonardo Finotti*, *Pedro Kok*, *Pedro Vannucchi* e *Maíra Acayaba*. Todos eles começaram a se destacar profissionalmente no final da década de 1980, início dos anos 2000, ou ainda mais recentemente, em meados dos anos 2010. É um fato que a fotografia de arquitetura é, pelo menos no caso brasileiro atual, uma área específica e especializada da fotografia – e é relevante mencionar que todos os fotógrafos citados são, além de estudados em fotografia, formados em arquitetura ou pertencentes a famílias de arquitetos praticantes. No entanto, é seguro afirmar que a fotografia de arquitetura em São Paulo se inicia muito antes dos anos 1980 e pela mão de profissionais com formação e trajetória profissional muito diferente das existentes atualmente.

Muito já se escreveu sobre fotografia e sobre fotografia de arquitetura. Em um panorama internacional devemos mencionar *Sobre a Fotografia*, livro de Susan Sontag (1933-2004) originalmente publicado em 1977, trabalho em formato de ensaio que analisa vertentes da fotografia do ponto de vista de sua imagem e representação, inaugurando um olhar para o objeto fotográfico também a partir de uma imagem em representação (e não como uma ilustração ou apresentação fidedigna da realidade). Roland Barthes (1915-1980) também redige, no início dos anos 1980, *A Câmara clara*, seu último trabalho publicado em vida. Nele Barthes detalha, em tom também ensaístico, como a câmera mecânica reproduz não apenas um objeto ou situação da realidade, mas traduz muito de uma leitura subjetiva e pessoal de quem executa o ato de fotografar. John Berber (1926-2017) e seu *Para entender uma fotografia* (2013) faz uso da noção e da importância de se compreender a fotografia como um maneira de construir uma visão total da realidade.

No campo da arquitetura Beatriz Colomina (1952) se consagrou enquanto crítica e historiadora também pela forma como interpreta imagens de arquitetura. Seus livros mais conhecidos, como *X-Ray Architecture*, publicado em 2019, *Domesticity at War*, de 2006, *Privacy and Publicity*, lançado em 1994 e *Sexuality and Space*, de 1992, apresentam, em muitas passagens, a arquitetura moderna como uma representação social configurada através de da mídia. A fotografia aparece em muitos momentos como um mecanismo de construção de aparência, desejos e ficções de quem executa o ato fotográfico ou de quem o contrata. Outros autores também realizam análises nessa perspectiva. Juan José Lahuerta (1954) em *Photography or life: popular Mies*, lançado em 2015, também analisa Mies Van der Rohe a partir de suas fotografias. Mais uma vez, a fotografia aparece como uma aliada da arquitetura. Para além das experiências reais que um



visitante pode ter quando entra em contato direto com uma edificação, a fotografia aparece como uma interpretação que reinventa de uma maneira transfigurada a obra de arquitetura. O ângulo da câmera, a luminosidade, cenas deliberadamente posadas e a seleção dos melhores ângulos de determinado projeto (excluindo, obviamente, elementos menos fotografáveis) fazem, na maior parte das vezes, o projeto se aproximar de algo que o arquiteto quer que ele seja – e não o que ele é na realidade.

No panorama brasileiro podemos considerar algumas experiências fotográficas de arquitetura que se tornaram hegemônicas pela ampla divulgação e pela forma como foram incorporadas pelos meios de comunicação e, posteriormente, pelas galerias de arte e acervos especializados em fotografia – como é o caso do Instituto Moreira Salles. A cidade de Brasília foi inaugurada em 1960 pelo então presidente Juscelino Kubitschek com Plano Piloto de Lucio Costa e edificações feitas por Oscar Niemeyer. O projeto da nova capital do Brasil era o emblema de um país futuro e catalisava as ambições nacionais de progresso e desenvolvimento social e econômico². O livro de Eloisa Espada (2012) analisa as fotografias de Marcel Gautherot (1910- 1996) para a cidade de Brasília, destacando as qualidades imagéticas feitas pelo fotógrafo e que, posteriormente, seriam divulgadas em jornais e revistas mundo afora – apresentando uma versão heroica e bela de Brasília para todos aqueles que tivessem acesso a esse material publicado.

As fotos de Gautherot exploram reflexos e perspectivas, sempre mergulhadas em precisas tonalidades de branco e preto. Usam a arquitetura, a paisagem e as pessoas como instrumento de jogos de luz e sombra. São trabalhos de qualidade indiscutível (técnica e estética), onde a arquitetura aparece como um plano de fundo: não se busca, de forma imediata, a apresentação de um projeto de arquitetura, de uma obra ou de uma edificação (por mais que muitas vezes elas acabem apresentando). O fotógrafo utiliza a arquitetura como um outro elemento da paisagem capaz de criar perspectivas e reflexos surpreendentes e altamente sugestivos a uma promoção fotográfica. Um exemplo possível seria a fotografia de Gautherot para o Palácio da Alvorada (Imagem 1). Nesta imagem vemos a câmera posicionada de maneira rebaixada e distorcida em relação ao alpendre da edificação, já que o objetivo é capturar os reflexos dos arcos do palácio que aparecem no piso escuro brilhante do projeto de Niemeyer. Existe uma relação de escala com algumas pessoas ao fundo e um intenso trabalho entre os reflexos e sombras causados pela iluminação na edificação. De fato, não vemos, de forma convincente, uma apresentação de arquitetura (como apreender um projeto de Niemeyer pelas lentes de Gautherot?), mas uma forma fotográfica que se utiliza dela para um trabalho estético. Semelhante acontece em uma imagem do fotógrafo para o Congresso Nacional em

² Ver *Brasília, leituras e leitores. Arquitetura, história e política (1957-1973)*, de Luiz Sobral Fernandes e publicado em 2020 pela Altamira Editorial.



Brasília (Imagem 2), onde aparecem novamente duas figuras humanas sobre a laje e um jogo de luz que gravita da intensa reflexão das cúpulas até a marquise sombreada. Vale o comentário de que ambas as imagens (assim como todas as fotografias do fotógrafo para Brasília) trabalham, apesar da presença das escalas humanas, com um olhar desumanizado do espaço, um trabalho distante de uma cidade vivida, usada e vivenciada pelos seus moradores.



Imagens 1 e 2: Fotografias de Marcel Gautherot para a cidade de Brasília (1960)

Fonte: Instituto Moreira Salles / IMS



É bem verdade que enquanto o mundo e o Brasil olhavam para Brasília e para as fotografias de Gautherot um grupo de arquitetos de São Paulo vinha construindo e publicando projetos de alta qualidade – ainda que com menor envergadura e apoio midiático que as obras da nova capital do Brasil. Ruth Verde Zein e Maria Alice Bastos (2010) e Hugo Segawa (1998) são autores que destacam um florescimento “tardio” da arquitetura paulista. Se hoje a arquitetura feita em São Paulo alcança alguma repercussão mundial, consagrada, em 2006, com o Prêmio Pritzker dado a Paulo Mendes da Rocha³, não é pouco adequado mencionar que ela demorou, mesmo nacionalmente, a alcançar alguma repercussão de peso. Não é necessário discorrer que Niemeyer floresceu ainda muito jovem como um nome internacional da arquitetura brasileira (e a exposição Brazil Builds no MoMA é um emblema disso⁴) e que a arquitetura paulista, formada por arquitetos como Vilanova Artigas (1915-1985) e Paulo Mendes da Rocha (1928-2021), alcançaria dimensão nacional somente nos anos 1960 e internacional somente nos anos 2000. Mesmo com uma repercussão tardia, existia em São Paulo uma publicação de arquitetura e uma espécie de fotógrafo oficial, que realizava grande parte das fotos para toda a classe profissional. Este era José Moscardi, elemento central para a discussão deste artigo e pesquisa.

A Revista Acrópole, fundada em São Paulo por Roberto Corrêa de Brito, circulou entre os anos de 1938 e 1971 (DEDECCA, 2012). Era uma revista de arquitetura com circulação nacional que, no entanto, acabou por representar muito da arquitetura paulista também pela proximidade que seu corpo editorial tinha com os arquitetos do estado. É na Acrópole que muitos dos arquitetos de São Paulo viriam a ter suas obras publicadas. Década a década (ver imagens 3, 4 e 6), a revista foi apresentando alguns nomes que se tornariam símbolo da arquitetura feita por aqui, acompanhando, ano a ano, o florescimento de uma arquitetura que não era “curva e sensual” (UNDERWOOD, 2010), mas que era baseada em grandes vãos e estruturas em concretoarmado aparente.

³ Segundo Marlene Acayaba: “Em 2006, quando o Prêmio Pritzker foi concedido ao arquiteto Paulo Mendes da Rocha, nós, arquitetos paulistas, nos consideramos igualmente premiados. Porque as palavras do júri falam, por extensão, da nossa arquitetura: “seus materiais de concreto, que são sua assinatura, e seus métodos de construção inteligentes e notavelmente diretos, criam prédios poderosos e expressivos reconhecidos internacionalmente” (ACAYABA, 2011 P. 38).

⁴ Ver dissertação de mestrado de Carlos Alberto Ferreira Martins (1987). *Arquitetura e Estado no Brasil. Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa 1924-52.*



Imagens 3, 4, 5 e 6: Capas de Revista Acrópole. Edições 247 (1959), 282 (1962), 302 (1964) e 359 (1969), exemplares que contemplam fotografias de José Moscardi

Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/>

Duas imagens de José Moscardi foram selecionadas para discussão dentre muitas outras possíveis de seleção. A primeira (imagem 7) corresponde a uma fotografia feita para a residência Cunha Lima, projeto de 1958 feito pelo arquiteto Joaquim Guedes juntamente com Liliana Guedes. Vemos uma imagem da esplanada inferior da residência localizada na parte alta do bairro do Pacaembú (São Paulo-SP), uma das regiões mais altas da cidade e com lotes voltados, em sua maioria, para o vale do estádio homônimo. Esta fotografia de Moscardi chama a atenção por alguns motivos que valem ser destacados. Não é uma foto aparentemente trabalhada – partes do jardim e parte interna da casa permanecem sem visibilidade (ou muito claro ou muito escuro) e, portanto, destacamos aqui uma aparente deficiência técnica do material. Algumas espreguiçadeiras estão dispostas à esquerda de maneira irregular, onde é possível identificar uma pequena mesa de piscina sem suas respectivas cadeiras. Além das cadeiras dispostas informalmente percebemos uma samambaia pendurada na laje da edificação. Estes elementos não são triviais: demonstram um tipo de fotografia de arquitetura não trabalhada – nem do ponto de vista técnico e nem do ponto de vista cenográfico, já que não houve preocupação em arrumar as cadeiras para a foto ou remover temporariamente a samambaia “kitsch” que certamente incomodaria um arquiteto moderno como Guedes. Vejamos também o ângulo que o fotógrafo seleciona como enquadramento. Ele escolhe uma posição da esquerda para a direita elevando ligeiramente a ocular da câmera para a parte superior da residência. É uma decisão consciente ou inconsciente? Não parece ser uma decisão óbvia, já que o fotógrafo termina enquadrando de maneira não centralizada o pilar da casa de Guedes e Liliana (elemento mais importante do projeto que aqui acaba passando quase despercebido).



Imagem 7: Residência Cunha Lima, arquiteto Joaquim Guedes e Liliana Guedes

Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/>

Outra imagem relevante corresponde a uma fotografia atualmente muito conhecida (imagem 8) pela divulgação internacional dos projetos de Paulo Mendes da Rocha. Por volta do ano de 1957 Moscardi fotografa as obras em finalização do ginásio do Club Athletico Paulistano. Vemos uma fotografia da parte externa da edificação observando o arco de concreto e um dos pilares que sustentam a estrutura toda. Aqui se repete alguns dos elementos já vistos anteriormente na casa de Guedes: uma variação de luminosidade muito intensa entre a parte externa e interna, que apresenta alguma dificuldade de compreensão da própria arquitetura. O mais interessante, no entanto, é perceber o descompromisso com a obra finalizada. O ginásio está, efetivamente, sendo ainda construído – algumas outras fotografias desta série incluem, inclusive, o pintor em sua escada dando uma demão de tinta branca no concreto. Imperfeições de obra não são mascaradas: observamos com nitidez as imperfeições da pintura nas proximidades do pilar mantido em concreto aparente (borrões de tinta).



Imagem 8: Ginásio do Clube Athletico Paulistano, arquiteto Paulo Mendes da Rocha

Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/>

Os exemplos apresentados são muito diferentes das fotografias realizadas por Marcel Gautherot e outros fotógrafos do período e ambas as imagens encabeçam aquilo que está sendo investigado com maior desenvoltura pela pesquisa. É de certo modo visível que José Moscardi, produzindo fotografias para a Revista Acrópole e para os arquitetos paulistas desenvolve alguma produção menos desinteressada do que outros fotógrafos para outros arquitetos no mesmo período. Aqui não vale um julgamento ou uma observação crítica, mas apenas apontar que umas das possíveis virtudes de um trabalho desse perfil é reconhecer as qualidades vividas da arquitetura – leia-se reconhecer a arquitetura pelo que ele é no momento da foto. Não existem aparentes derivações, simulações ou representações ficcionais. Moscardi aparentemente não esconde nada feio ou belo, observa a arquitetura através de suas lentes como um observador comum.

Está talvez seja uma perspectiva importante de análise e uma baliza de pesquisa. É correto que a virada do século XX para o XXI transformou a atividade dos arquitetos e dos escritórios de arquitetura – com novos softwares, imagens renderizadas e computação. Surgem os sites e os sites de arquitetura que permitem o conhecimento do trabalho de determinado profissional de maneira instantânea e com muito mais facilidade do que acontecia anteriormente. Também aparecem as redes sociais que contribuem como um canal extra para a apresentação da arquitetura e de suas atividades. Uma possível interpretação seria a de visualizar e reconhecer o florescimento e intensificação da importância da imagem nesta transição de



século (que sempre existiu, mas que agora floresce com maior impacto). Buscando ultrapassar uma arquitetura 'instagramável', percorremos o caminho da análise da fotografia enquanto reconhecimento de uma *abstração do real* e não de uma *representação do real*. Eis o interesse no trabalho de Moscardi, pois se distancia daquilo que seria a fotografia de galeria, talvez alcançando, sem intenção definida, um outro tipo de olhar para a arquitetura.

BIBLIOGRAFIA

Acervos online:

Revista Acrópole digitalizada: <http://www.acropole.fau.usp.br/>

Livros, teses, dissertações e artigos:

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo (1947-1975)*. São Paulo: Romano Guerra, 2011.

ALMEIDA, Máisa Fonseca de. *Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos (SP), 2008.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BUZZAR, Miguel Antônio. *João Batista Vilanova Artigas: elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira (1938-1967)*. São Paulo: Unesp, 2014.

CAMARGO, Monica Junqueiro. Joaquim Guedes. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

COLOMINA, Beatriz. *La Domesticidad em Guerra*. Barcelona: Actar, 2006.

COLOMINA, Beatriz. *Sexuality and Space*. Nova York: Princeton Press, 1992.

COLOMINA, Beatriz. *Privacy and Publicity. Modern Architecture as Mass media*. Cambridge: MIT Press, 1996.

COLOMINA, Beatriz. *X-Ray Architecture*. Zurique: Lars Muller, 2019.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



ESPADA, Heloisa. *Monumentalidade e Sombra. O centro cívico de Brasília por Marcel Gautherot*. São Paulo: Annablume, 2012.

FERNANDES, Luiz Gustavo Sobral. *Brasília, leituras e leitores. Arquitetura, história e política (1957-1973)*. São Paulo: Altamira Editorial, 2020.

FRAGELLI, Marcelo. *Quarenta anos de prancheta*. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

LAHUERTA, Juan José. *Photography or life: popular Mies*. Barcelona: Tenov Books, 2015.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil. Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa 1924-52*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FFLCH Universidade de São Paulo, 1987.

MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos (SP), 1998.

OLLERTZ, Aline. Morte e vida de uma revista de arquitetura. Resenhas Online, São Paulo, ano 06, n. 071.01, Vitruvius, nov.

2007 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/06.071/3100> Acesso em: 12 mar. 2020.

PISANI, Daniele. *Paulo Mendes da Rocha. Obra completa*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2013.

SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

SERAPIÃO, Fernando Castelo. *Arquitetura revista: a Acrópole e os prédios de apartamentos em São Paulo. 1938-1971*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

SERAPIÃO, Fernando Castelo. Uma saga fotográfico-arquitetônica. Revista Projeto. 2007. In. <https://revistaprojeto.com.br/acervo/artigo-uma-saga-fotografico-arquitetonica-01-01-2007/> Acesso em: 27 out. 2020.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

UNDERWOOD, David. *Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livre no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



WISNIK, Guilherme (org). *Paulo Mendes da Rocha (1957-1999)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WISNIK, Guilherme (org). *Paulo Mendes da Rocha (1999-2006)*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZEIN, Ruth Verde; BASTOS, Maria Alice. *Brasil, arquiteturas após 1950*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.